Um dispositivo furado

Dominique Fingermann

O propósito desta intervenção é uma pequena contribuição à avaliação do dispositivo do passe inventado por Lacan em 1967, a partir de minha experiência pessoal desse dispositivo, no intuito de que esta crítica sirva para a re-invenção do passe enquanto garantindo a psicanálise na escola que nós queremos.

Se Lacan inventou este dispositivo, ele devia ter bons motivos clínicos e éticos, e sabemos que a sua Proposição é coerente com o ensino decorrente da sua práxis, como ele mesmo explicita no Seminário "O Ato Analítico".

Para além de toda a preocupação administrativa e de grupo, nós estamos num tempo de reavaliação dos dispositivos supostos sustentar a nossa aposta de escola, ou seja, nossa aposta de uma extensão da psicanálise fundada na sua intensão.

É neste sentido que o trabalho da Comissão Crítica do Passe tem uma responsabilidade irrecusável na reavaliação dos motivos clínicos e éticos do procedimento do passe. Esta tarefa é coerente com nossa participação no dispositivo do passe; queremos, para fazer escola, nos fazer responsáveis pela sua experiência.

Complexidade

Com o procedimento do passe, Jacques Lacan inventou um dispositivo complexo, como foi observado na mesa de ontem. Mas ao contrário do Jairo Gerbase, penso que esta complexidade se justifica pelo seu fim: recolher, acolher o que de uma análise faz prova, verifica, *"de l'analyste"* algo de analista, o analítico.

"Do analista": algo qualificando o que, na pessoa que se atreva a se propor como analista, opera para uma análise se efetivar.

O que qualifica um analista é da ordem de um desejo, isto é, o que o causa e sustenta o seu ato (a sua re-invenção da psicanálise).

O desejo de analista é o que move uma análise do início ao fim, do início ao fim da neurose de transferência: isto é o que suporta a transferência mas a maneja fazendo objeção à sua neurose. O *desejo de analista* é a condição do *discurso* que suporta a experiência, condição específica da contingência do *ato* que daí pode surgir. O passe verificaria este desejo que opera para uma análise se efetivar. O problema, a complexidade, é que este desejo é puro produto de uma análise singular, é inédito, excede o saber prescrito, qualquer saber pré-escrito é "objeção ao saber", diz Marie-Jean Sauret.

Como verificar um desejo inédito? Como o "inédito" pode se dobrar a uma verificação?

É preciso verificar principalmente que não se trata aí de gozo nem de demanda, nem de amor, mas das condições adequadas para a re-invenção do ato analítico. Talvez seja isso que cada um tenha que demonstrar, um : "portanto é a partir disso que eu me atrevo a re- inventar a psicanálise."

"Isso" que autoriza o analista, o torna autor do ato que ele suporta, não se pode comparar, nem ser verificado como adequado a um protótipo, um padrão. No entanto é este ponto de báscula singular, esta "passagem do ato", diz Lacan, que vai assegurar a persistência da psicanálise como resposta ao mal-estar da civilização.

O passe enquanto procedimento merece o mesmo nome que o momento do passe numa análise, pois os dois têm estrutura de ato; aí se excede, ultrapassa o pensamento, sem garantia alguma, numa experiência de malabarismo de articulação do mais particular e do laço social.

Como o dispositivo pode ser coerente com sua função: proporcionar um ponto de junção entre intensão e extensão, verificar o inédito, o complexo, o paradoxal, demonstrando essa passagem do ato: passagem da crença no sujeito suposto saber ao ato?

O passe como *passoire*: coador

O dispositivo do passe consiste em oferecer um espaço-tempo, "ex ", extra-ordinário, para que a letra inscrita desde uma análise pudesse se depositar nos passadores e só depois ser lida, assegurando a extensão da psicanálise.

A máquina, o dispositivo, o procedimento, pretendem permitir que o mais particular de um sujeito: a sua separação-letra-litoral entre o gozo e o significante – resto - inscrito na sua análise, seja escrito e lido, passível de ser passado, transmitido, largado.

Como passar um resto? O resto da operação da fuga do sentido na tarefa analisante de associação livre : S-S-S-S-... é da ordem do vazamento, do escoamento de sentido. Por isto proponho associar o dispositivo do passe com uma *passoire*, que é um coador, uma peneira, um recipiente furado.

O passe – *passoire*, recipiente furado, me convém para evocar vários aspectos do dispositivo, inclusive a sua precariedade e as suas falhas, que foram mencionadas ontem. Os furos da *passoire,* e portanto do dipositivo, parecem adequados para recolher a letra inédita extraída de uma análise; isto é, o que um sujeito inscreve singularmente ao se deparar com o furo do simbólico; isto é, como este resto do sujeito, dejeto, abjeção, constitui a sua *objeção ao saber;* isto é, o que ele faz com o intervalo significante; isto é, qual é a sua forma particular de suportar e fazer valer o "escoamento do sentido" conseqüência da "fuga de sentido". O dispositivo portanto parece adequado para coar o seu estilo.

O que a letra e o estilo têm a ver com o desejo de analista que precisamos verificar no dispositivo do passe para assegurar a extensão da psicanálise?

O desejo de analista, o que permite que alguém se atreva a sustentar a análise de uma outra pessoa, é a sua maneira de suportar que na fuga de sentido(S-S-S) há um escoamento("a"), e que a suposição de saber é apenas um desvio ficcional necessário à prova do limite do significante.

Para que haja desejo de analista é preciso portar e suportar este vazamento, causado pela estrutura ($\mathcal{A}$) nos seus pontos de intervalos significantes, sem tamponá-

los com o objeto fantasmático, nem obturar a falta do simbólico com a crença no Sujeito Suposto Saber.

Ter construído a ocorrência do "vazamento de sentido" e suportado as conseqüências disto, é a condição do estilo e pode qualificar alguém como analista. Tanto o estilo quanto o desejo de analista suportam o furo do saber .

O princípio de funcionamento do dispositivo do passe são seus furos, por isso precisamos cuidar do passe como o *passoire,* recipiente furado, e não tampado por qualquer "êxtimo", ou dogma, doutrina, passe-padrão, palavras de ordem, que sejam. Saber fazer com o furo parece uma prova adequada de demonstração de analista de Escola.

Em que consiste o dispositivo do passe como era previsto e foi usado após a sua proposição por Lacan?

Consiste numa série de etapas, onde em cada uma se operam um depósito e uma filtragem, uma retenção e um escoamento. Cada etapa retém e/ou deixa passar. Vejamos:

Passante
Secretariado
Passador1
Passador 2
Cartel
Resposta
Ensino do AE
Relatórios dos cartéis
Colégio do Passe

Vemos que o princípio "passador" deste sistema, do qual depende se vai passar ou não o que tem que ser passado (um estilo, um desejo de analista), são os passadores. Com efeito, o passante inscreve nos passadores a sua escrita para que eles possam transmitir esta escrita ao Cartel, que o conseguirá ler, ou não. Neste sentido podemos ouvir a frase de Lacan: "*Le passeur c'est la passe*" : "O passador é o passe".

Surge portanto um problema para nós: fora da complexidade do dispositivo, será que é possível falar do singular da experiência do passe, sem que isto se torne indecência ou constrangimento?

A complexidade do dispositivo é necessária para filtrar, coar, peneirar, e assim recolher, para além da fuga do sentido, o vazamento do sentido: o que escapa ao sentido, o "*ab-sens*". Recolher o "*ab-sens*", dispensando o "*inde-sens*"/a indecência.

Portanto falar, como hoje, fora do dispositivo requer alguma prudência, não para proteger quem fala, mas para não desqualificar, baratear a experiência específica do passe. O dispositivo complicado e pesado institucionalmente serve para a transmissão deste algo impossível de transmitir que é este "algo" de cada um que determina a sua autorização em suportar "algo" de analista.

Porém, mais uma vez, frente ao impossível de ser dito e a tentação de se calar, posso me colocar na tentativa de bem-dizer. Bem-dizer o que aqui pode ser dito.

O que pode ser dito

O que pode ser dito no contexto deste nosso trabalho não é falar da minha experiência do momento do passe, o que fiz com os "meus" passadores no procedimento do passe. Hoje o que pode ser dito de relevante é falar *après-coup,* da minha experiência do dispositivo, do procedimento. O trabalho de escrita que constitui o procedimento do passe é inseparável do dispositivo. Para o passante o "dispositivo" de *passoire,* de coador, com o qual ele se depara, são os dois passadores.

Os passadores

A minha experiência de escrita, depoimento, testemunho, é inseparável dos encontros com esses dois passadores.

Não teve um texto pré-escrito, tinha apenas a solução de um processo, uma decisão, uma determinação de demonstrar esta solução a título de responsabilidade e também de gratidão com relação à psicanálise. O texto foi escrito a partir dos passadores que, sem sabê-lo, me indicaram, me assinalaram como o depoimento do passe se situava entre poesia e lógica.

O primeiro era uma mulher com quem tive longas entrevistas. Era a primeira vez que ela era passadora, e manifestava muito entusiasmo pela experiência. Era simpática –*syn-pathos*– de mais. Ela queria sempre voltar ao *pathos,* escandalizava-se, compadecia, queria voltar ao drama. O "mal-entendido" decorrente dessa compaixão excessiva orientou meu depoimento no sentido da dosagem entre redução e amplificação necessária para o propósito. Ela me ensinou então a passar várias vezes da redução à amplificação, depois do drama ao chiste, e de novo da demonstração à solução. Há uma retórica do passe onde se trata de procurar o justo tom, não pode ser dito demais nem de menos.

O segundo era um homem frio e asséptico, já tinha sido cinco vezes passador, e não tinha tempo para perder. Ele fazia questão de não manifestar nenhuma simpatia, o que me ajudou nitidamente a simplificar e construir logicamente o caso, embora insistindo sobre a estrutura chistosa da solução da neurose e não desistindo do poético. Depois das entrevistas com o segundo, encontrei novamente a primeira para concluir: é isso, o que podia ser dito tinha sido dito.

Daniele Silvestre escreveu em algum lugar que as nomeações do cartel do qual ela participou dependiam da capacidade de construir do passante e dos passadores. O passante tem a responsabilidade de bem-dizer, bem construir a lógica do caso e da sua saída do labirinto da neurose no momento da "passagem do ato" que manifesta, prova, determina a via aberta do desejo de analista. Mas o bem-dizer não garante que os passadores saibam passar a equação neurótica do sujeito e a sua solução.

Encontrei nos dois passadores, cada um a seu modo, duas lousas: uma de argila, a outra de granito. Escrever era responsabilidade minha. As duas lousas me permitiram construir o caso a partir da sua solução. Os dois tiveram um grande respeito pela experiência de Escola que estava entre as suas mãos, embora uma com uma grande participação emotiva e o outro com um silêncio indiferente e metódico. As duas lousas me permitiram efetivar o meu trabalho de escrita, entre lógica e poética, escrita à qual se reduziu no final das contas o drama do sujeito.

Como cada um construiu o caso por sua vez, e como foi lida esta escrita? Não posso inferir nenhum disfuncionamento, isto não está a meu alcance. Como tudo em psicanálise, nós nos deparamos com um risco absoluto. Me deparei.

Mesmo que o meu passe tenha sido ouvido num momento bem conturbado politicamente na história do cartel B e da ECF, só posso dizer que: algo não passou, não foi suficientemente bem transmitido, e o desejo inédito-inaudito, permaneceu inaudível.

O depoimento: redução/amplificação

É engraçado, para mim, ter que falar de novo sobre este aspecto, porque foi assim mesmo que iniciei o meu encontro com o primeiro passador.

"Depois de tantas palavras, disse eu, reduzidas a algumas e depois reduzidas ao silêncio, é esquisito precisar encontrar outras palavras, como um amplificador para tornar audível a redução final de uma análise onde se determinou o desejo de analista. Encontrar as palavras certas – pois acabou o tempo da associação livre – encontrar as palavras necessárias e suficientes para fazer prova..."

Acabou o tempo da associação livre, a transferência não reduz mais seu texto, nem mais infinitiza a esperança e a suposição de saber que a determina. Acabou o tempo da associação livre, já que neste tempo paradoxal do passe – tempo esquisito, *unheimlich* – não se trata mais de contar invocar equivocar lamentar negociar. Trata-se de fazer as contas, demonstrar, fazer prova. Não se trata mais de narrar a novela da neurose. A experiência acontece entre poema e matema. Trata-se de passar o poema que restou, vazou, da sua análise, ao matema, um *minimum* transmissível explicitando equação do sujeito e seu resto.

A questão é matemática: como tantas palavras, tanta dor, tanto barulho reduziram-se a algumas palavras pela operação da psicanálise, ou seja, pela operação de um desejo em ato que soube cortar o filme da neurose e reduzir o excesso a seu denominador comum: um resto-algo "de" analista, no caso.

É esquisito querer fazer valer esse resto-produto de uma operação que fez perder o valor da neurose, empalidecer o barroco das formações do inconsciente, afrouxar a âncora da dor e o invólucro formal do sintoma e que tornou derrisória, anacrônica, obsoleta a montagem fantasmática.

É esquisito, porque o processo da associação livre ampliou o drama para no fim reduzi-lo a um resto, enquanto a experiência do passe vai funcionar como caixa de ressonância para esse resto, não dentro de uma temporalidade transferencial, mas

num tempo virtual, poético. A poesia aqui não é minimalista, mas algo como um coro relatando a epopéia em atos lógicos precisos.

É esquisito, porque depois do tempo máximo de redução que constitui o momento do passe num final de uma análise, parece que o procedimento necessita uma nova ampliação para explicar-se e fazer esta demonstração.

O momento do passe poderia se resumir em algumas palavras, tão sucintas quanto um poema, um matema ou um chiste. Mas tem que fornecer as chaves de leituras, sem dramatizar, sem fazer perder a graça chistosa.

Como já foi dito, é como se a partir do resultado de uma equação tivesse que re-montar todo o trajeto que leva à solução. Sem dramatizar, sem condescendência, nem condolência, com uma neutralidade benevolente. Porém, é preciso testemunhar da espessura do drama, com humor às vezes, com distância outras vezes, sempre com rigor e lógica, para que a solução não pareça simplista, inverossímil, ou forçada, e que os cortes do ato analítico surjam com toda a surpresa e a força.

Portanto, além da apresentação da solução, tem uma tarefa de reconstrução, de mapeamento do labirinto da neurose para evidenciar e tornar evidente a saída que constituiu o desejo do analista contra a transferência, esvaziando a solução do sujeito instituindo-se e ainda não destituído. Evidenciar a saída que constitui o desejo do analista, isto é, o consentimento ao corte no saber suposto, que isola o S_1 sem esperança de um saber mais ainda, mais além; mas não sem o alento que causa o desejo.

O dispositivo do passe, no meu caso, não tornou audível, legível, este passo que me fez consentir ao desejo do analista, naquele momento de passagem do ato onde emergiu, surgiu, irrompeu esta certeza: "Não há um Outro que me fez fazer isto".

Do lado do significante: a responsabilidade do sujeito é total na sua maneira de interpretar o significante mestre – dado forçosamente pelo Outro – (a alienação é forçada), mas o significante é equívoco e aponta este equívoco radical que pode se designar como S(Ⱥ). Interpretar o significante como mestre, ou seja, como imperativo e demanda do Outro é doença do *falaser*, é neurose. Não há saber suposto no Outro que valida e garante estas interpretações neuróticas que, se fundando na estrutura do significante, determinam o destino.

Da mesma forma, a responsabilidade é do sujeito quando ele se faz ser, se fazendo de resto usando os recursos pulsionais para dar consistência àquilo que não está dito pelo significante. Esta interpretação fantasmática se funda num sonho de separação, que consiste na volta da alienação na forma da identificação ao que falta ao Outro.

O desejo do analista é um desejo de separação, desde a separação radical de um Outro suposto saber tanto até a de um outro suposto gozar.

O desejo de analista é o mesmo do começo ao fim: desejo de finalidade da análise: a separação; só que no processo ele é suportado pelo analista, e no fim pelo novo analista.

Desejo do analista: uma série de corte na suposição do Outro até que se consinta ao S_1: não tem resposta do lado do S_2.

O processo desta análise poderia se reduzir a três palavras:

"DOMINIQUE – TATOU – EX"

A primeira, a partir de uma cadeia extensa que vai de "*Dominus – domini*: o senhor", até todas as declinações possíveis de um significante que não nomeava a mulher, funcionou como significante mestre ao mesmo tempo sintoma e emblema.

A segunda, apelido inventado pelo outro para designar o sujeito ainda *infans* que se escondia com pano, sustentou com todas as suas variações significantes da língua francesa a identificação ao resto do significante.

A terceira, surgiu como significante da transferência: o analista – ex, denunciou o sonho de separação de todas as tentativas e tentações fantasmáticas, para no final das contas, no final de todos os cortes efetivados pelo desejo do analista nas suposições de saber e de gozo, para no final das contas produzir um *EX-IL* inédito, conjugando separação e desejo.

O passe foi uma oportunidade para demonstrar o que tinha sido produzido como uma evidência, para demonstrar o que desse processo tinha se destacado: a possibilidade de atrever a fazer o funâmbulo, como disse Isabelle Morin: "O analista quando ele opera é que nem um funâmbulo num fio, ou seja, está nesta posição desconfortável onde pelo seu ato ele faz aparecer o vazio".

Portanto

Portanto, a minha passagem pela experiência do passe me permite propor dois pontos para a discussão, a título de conclusão provisória da minha "crítica".

1. O desejo de analista não depende de uma decisão do sujeito, mas ele é conseqüente e relativo ao ato analítico, ou seja, ao corte no sujeito suposto saber que a análise operou, e ao esvaziamento da resposta fantasmática ao silêncio do Outro.

Na medida desta congruência entre a queda do sujeito suposto saber, a travessia do fantasma e a emergência do desejo do analista, a verificação do desejo de analista antes da conclusão de uma análise continua sendo uma questão para mim. Isto re-atualiza a problemática do debate institucional da questão sem que esse debate a feche com critérios dogmáticos que esmagariam o que de inédito deve poder ser lido.

2. A experiência do dispositivo me permite afirmar que a parte do dispositivo ao qual eu tive acesso é condizente com a ética da psicanálise em jogo. No entanto tem níveis do dispositivo mais sensíveis a desvios e influências políticas, como por exemplo o próprio cartel e os ensinos dos AE que precisariam ser colocados em questão.